

Iago Bragado Trigo

*Universidade de Vigo (Galiza); iago\_ou@botmail.com*

## Marcadores explícitos de tópico em Galego e Português: equivalências e divergências

### 1. Objectivos e fontes utilizadas

Com este trabalho visamos a descrição e classificação dos marcadores explícitos de tópico mais frequentemente utilizados em Galego e em Português europeu, bem como salientar as equivalências e divergências existentes entre um e outro. Para tudo isto, partiremos da análise de um conjunto de obras literárias escolhidas, não pela sua pretensa qualidade estética, mas em função da sua complexidade do ponto de vista pragmático. Valorizámos, portanto, a sua riqueza relativamente aos tipos de discurso nelas presentes (com especial atenção para o discurso dialógico), a sua variabilidade em termos de coerência intra-textual e a abundância de referentes extra-textuais. Também foi considerado o seu grau de representação de uma linguagem que podemos denominar como de geral, isto é, não-específica e mais ou menos espontânea. Acreditamos que a literatura possui uma função sancionadora em relação a determinados usos linguísticos. A representação escrita de determinados fenómenos associados fundamentalmente ao nível oral de uma dada língua demonstra com frequência que se trata de fenómenos assentes e perfeitamente integrados na sua gramática.

As obras utilizadas foram as seguintes<sup>1</sup>:

Para Galego:

Blanco Amor, E., 2001, *A esmorga*, A Coruña, La Voz de Galicia / Galaxia [AES];

Borrazás, X., 1994, *Criminal*, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco [CRI];

Cid Cabido, X., 1999, *Grupo abeliano*, Vigo, Xerais [GRA];

Cortezón Álvarez, D., 1956, *As Covas do Rei Cintolo*, Vigo, Galaxia [CRC];

Labarta Pose, E., 1960, *Cuentos humorísticos*, Santiago de Compostela, Porto y Cía.

– Editores [CHU];

Navaza, G., 1996, *Erros e Tánatos*, Vigo, Xerais [EET].

---

<sup>1</sup> Indicamos entre parênteses a abreviatura utilizada para nos referirmos a cada obra ao longo deste artigo.

Para Português:

- Correia, C. Pinto, 2000, *Adeus, princesa*, Lisboa, Relógio d'Água [ADP];  
 Madeira, P., 2001, *2001, Instantâneos de Sapo*, Lisboa, Oficina do Livro [IDS];  
 Melo, G. de, 1999, '*O homem que odiava a chuva*' e outras estórias perversas, Lisboa, Notícias [HQO];  
 Namora, F., 1990, *O homem disfarçado*, Mem Martins, Europa-América [OHD];  
 Nicolau, H., 1990, *Todos e nenhuns*, Lisboa, Caminho [TEN];  
 Sena, J. de, 1999, *O físico prodigioso*, Porto, Asa [OFF];  
 Zambujal, M., 1994, *Crónica dos bons malandros*, Lisboa, Quetzal [CBM].

## 2. Brevíssima definição de tópico

O conceito de *tópico*, tal como nós o compreendemos, não pode ser abordado à margem da estrutura pragmática designada por *estrutura temática*, da qual é uma das funções principais. A estrutura temática constitui, *grosso modo*, a forma como o *assunto* (*tópico*) de que se fala num dado enunciado é seleccionado e apresentado (Mateus *et al.*, 2003: 118). O *tópico* e o *comentário* são as funções temáticas principais. A sua designação baseia-se na situação relativa dos elementos no enunciado e não na relação estabelecida com o contexto precedente ou extralinguístico do qual devem ser abstraídas. Não nos estamos a referir à concepção do *tópico* como assunto de fundo de que trata um texto ou discurso, oral ou escrito, independentemente da sua extensão, conquanto seja reconhecível uma notável coincidência entre a nossa concepção e esta última (vid. v. gr. Dik, 1997: 314).

Aderimos igualmente à oposição estabelecida por Halliday, 1967: 174, entre *thematization* e *information*: o *tópico* não pode ser identificado com a *informação conhecida* ou *dada*. Trata-se de funções independentes embora em muitos casos sejam ambas representadas a nível do significante por uma única expressão.

Podem-se assinalar como elementos chave para a caracterização do conceito de *tópico* a *predicação* e a ordem sequencial dos elementos do enunciado. A *predicação* é referida de forma quase unânime na maior parte das aproximações teóricas realizadas até hoje. Uma possível explicação para isto assenta na tradicional assimilação de *tópico* e *sujeito*, por um lado, e de *comentário* e *predicado*, por outro, o qual decorre do facto de a maior parte das actualizações linguísticas serem orações declarativas activas, cujas estruturas temática e sintáctica, por razões cognitivas e semânticas bastante óbvias, se sobrepõem. O próprio termo sintáctico *predicado* remete para o conceito semântico-pragmático de *predicação*, de forma que a associação fica irremediavelmente estabelecida. Erteschik-Shir, 1997: 15, por exemplo, define a predicação como a relação entre o *tópico* de uma frase e o seu *predicate*.

O *tópico* equivale ao que muitas vezes se tem designado *sujeito psicológico*, desde que os gramáticos do século XIX introduziram esse termo. Ele opunha-se, com maior ou menor acerto, ao *sujeito gramatical*, o propriamente sintáctico (com marca de caso nominativo, por exemplo) e ao *sujeito lógico* (identificado com a função semântica *agente* ou com a *informação dada* da estrutura informativa), os quais nem sempre coincidem. Ao definir-se o *tópico* como *what the sentence is about* (Dahl, 1974: 77), ou seja, *aquilo de que se predica alguma coisa*, está-se a retomar essa mesma ideia.

A ordem sequencial dos elementos do enunciado constitui outro aspecto fulcral que, todavia, é com muita frequência posto de parte. Apenas quando se fala explicita-

mente em *predicação* –e isto pode ser facilmente contestado– é que pode ser subentendida uma suposta alusão às relações sequenciais, já que, por motivos de carácter lógico-cognitivos, mais uma vez, ela implica, à partida, uma determinada ordem: toda a *predicação* se efectua em relação a *algo*; por isto, o elemento *what the sentence is about*, o *tópico*, deve ser referenciado antes da própria predicação.

As noções de *theme* e *tail* (vid. Dik, 1997: 310-311) também ajudam a configurar a definição de *tópico*. Nós, aqui, propomos a utilização dos termos *tópico pendente* e *tópico aclaratório*. Do nosso ponto de vista, ambos constituem subtipos de *tópico*, apesar de a presença deste último num enunciado não excluir a possibilidade de aparição de qualquer uma das outras duas funções. Quando falamos em *tópico*, sem adjetivos, estamos a referir-nos ao *tópico* intra-clausal. O *tópico pendente* e o *tópico aclaratório* designam, conseqüentemente, funções pragmáticas extra-clausais, sendo o primeiro anterior ao núcleo da predicação e o segundo, posterior (vid. Dik, *ibid.*). Entre eles e a cláusula verifica-se em regra uma pausa. Tome-se o seguinte exemplo tirado do *Adeus, princesa*, p. 165:

- Vamos à barragem, mana? Aqui o Joaquim não se acredita que hão-de vir uns poucos de mirones atrás da gente.  
Ela sorria, numa pose distante.
- Ai **isso vêm, de certeza**. Mas vamos, que está uma lua tão linda que deve ser pecado dormir hoje.

Na seqüência *isso vêm, de certeza* registam-se os constituintes que se seguem: um demonstrativo neutro, *isso*, sem relação sintáctica com os demais elementos, que introduz o contexto no qual se inscreve a cláusula *vêm, de certeza* e que se poderia desenvolver por meio da expressão *no que diz respeito a isso* [*isso = o facto de irem mirones à barragem*]; uma cláusula declarativa afirmativa, *vêm, de certeza*, em que se predica de um sujeito em terceira pessoa do plural, elidido neste caso, mas presente por meio da morfologia verbal, o facto de *vir, de certeza*.

Nestas condições, o constituinte *isso* é um *tópico pendente* ou *theme*, uma vez que, por palavras de Dik, 1980: 16, ele “*specifies the universe of discourse with respect to which the subsequent predication is presented as relevant*”. Além disto, também se verifica no exemplo em causa o facto de o termo *isso* aparecer numa forma *absolute*, ou seja, uma forma para a qual não se especifica qualquer função semântica ou sintáctica (Dik, *ibid.*). Não se devem confundir os *tópicos pendentes* com os designados por *left-dislocated elements*, os quais, embora ocupando também a posição pré-causal, apresentam algum tipo de ligação, i. e., conectividade referencial, com outro constituinte intra-clausal (vid. Mateus *et al.*, 2003: 492-493).

### 3. Definição de marcador

Um contexto ambíguo, uma mudança de *tópico* mais ou menos inesperada ou brusca, a vontade ou necessidade de clarificar as funções temáticas ou outras eventualidades surgidas durante o discurso podem levar o emissor a usar de um *marcador de tópico*. Os marcadores de tópico são, portanto, marcas explícitas de função temática a nível da forma (uma determinada estrutura sintáctica, uma dada expressão, uma simples partícula, etc.). No seguinte excerto tirado do romance *2001, Instantâneos de Sapo*, p. 35,

pode-se verificar essa necessidade conjuntural de marcação a fim de evitar possíveis ambiguidades:

Pego na mão da Marta e noto uma grande frieza, tanto da mão como da parte dela.

**Quanto à mão**, já se sabe que é do frio. Agora, **quanto ao resto...** devo ter dito alguma que ela não gostou. Sei que tenho sido um bocado parvo com ela.

É claro que o conceito de *marcador de tópico* está directamente relacionado com o de *tópico marcado*, mas são de facto conceitos diferentes e não devem ser confundidos. Alguns autores, de forma muito dúbia (vid. v. gr. Koch, I. V., 1996: 345-347), têm utilizado os marcadores de tópico para a caracterização e classificação dos tópicos marcados. Contudo, o *tópico marcado* não se define pela presença ou ausência de *marcador de tópico*, mas por oposição ao *tópico não-marcado*. Nas orações declarativas, quer das línguas românicas em geral quer de línguas como o Inglês (cfr. Halliday, M. A. K., 1967b: 213), dado que a situação mais frequente é aquela em que o sujeito aparece na primeira posição, ou melhor, aquela em que a função *tópico* é realizada pelo elemento sujeito, este caso constitui o *não-marcado*. Quando não acontece assim, o tópico é *marcado*. De modo geral, o *tópico marcado* caracteriza-se por uma maior tendência para configurar uma unidade informativa independente, isto é, amiúde há uma pausa entre o *tópico marcado* e os restantes elementos do enunciado.

Brito, A. M. & Duarte, I. S., 1982: 237-238, discriminam dois grupos básicos de *tópico marcado*, ou, nas palavras das autoras, *escolhas marcadas de tópico*: tópicos representados por elementos internos à proposição (vid. v. gr. *Esse filme, o João viu mesmo*) e tópicos representados por elementos externos à proposição (vid. v. gr. *Relativamente às eleições dos Corpos Gerentes [...], comunico que...*). A maior parte dos casos com *marcador de tópico* correspondem-se com o segundo grupo, o qual está a representar o acima denominado *tópico pendente*. As restantes *construções de tópicos marcados* (Mateus *et al*, 2003, 493-502) ficam por conseguinte fora do nosso âmbito de interesse.

#### 4. Descrição dos marcadores de tópico em Galego e Português

Começaremos por comentar os marcadores de tópico localizados nas obras seleccionadas para o Galego. Em nenhum caso foi mudada a ortografia do texto original nem foram corrigidos possíveis castelhanismos quer morfológicos quer sintácticos. Podemos dividi-los em quatro grupos principais: marcadores protótipo, marcadores de sujeito psicológico, marcadores propositivos e outros casos.

Denominamos marcadores protótipo aquelas expressões gramaticalizadas cuja função básica no discurso é a organização e explicitação dos diferentes tópicos. Os exemplos mais claros são os seguintes:

- **En canto a** comer, n-a sua casa comíase ben. (CHU, 94);
- **Y-en canto a** bo, non despreceando, era o mesmo que o pantrigo; somente que tiña un xenio como un condenado. (CHU, 113);
- **I en canto ás** miñas aboenzas, freiosa doncela, ou dona, eiquí teño coarenta e tres pergameos que amostran miña proxenie polas ponlas direutas dos máis nobres sangues da Armórica. (CRC, 46);
- Pode falar sin medo, tío Sanfona, que **en custeón de** riserva, son mais calada que a morte. (CHU, 107);

- **Respecto do** roubo da herdanza tampouco estaban as cousas moi claras. (EET, 122);
- **Volviendo co da** caza. Para empezar, as especies protexidas xa deberon desaparecer case que todas e do resto, pois non se me ocorre que poderíamos cazar. (GRA, 71);
- Pro **no tocante a** iles, non había que darlles moito creto. (AES, 23).

Repare-se que estas expressões introdutoras de *tópico* não apresentam nenhum tipo de restrição a nível da categoria gramatical que podem acompanhar: podem ser substantivos, adjectivos, verbos e até pronomes. De facto, o segundo tipo de construções a que nos referimos acima, os marcadores de sujeito psicológico, servem-se das formas pronominais correspondentes. Os exemplos por nós documentados referem-se unicamente à 1ª pessoa do singular:

- Que pouca xentiña de Carballo vén a Baldaio, e marchan coas táboas e todo o choio a Lugo e tal. E **para min que** as mellores ondas son estas, de Baldaio a Fisterra. (CRI, 83);
- **Por min que** vos esfofen ós dous. Sodes tal pra cal... ¡Voume pra o meu traballo! (AES, 26);
- **Eu por min** subiría... ¿Total que estamos a facer equi? (AES, 40).

Nestas estruturas observam-se dois aspectos de explicação complexa. Por um lado, parece habitual o emprego da partícula *que* logo após o marcador de tópico propriamente dito. A função desta é introduzir a predicação em relação à qual se marca o tópico. Por outro lado, no terceiro dos exemplos assinalados (*Eu por mim*) coloca-se o problema da explicitação do sujeito gramatical numa posição elevada em relação ao marcador de tópico. Aventamos duas explicações para isto. Em primeiro lugar, poder-se-ia considerar a sequência *Eu por mim* como *tópico composto* resultante da vontade de marcação explícita de um sujeito, tópico por definição não-marcado. Em segundo lugar, dado que a forma verbal consequente poderia estar conjugada em qualquer outra pessoa (cfr. *sube, subamos...*), também seria possível concluir que a expressão *Eu por mim* representa uma variante da expressão, mais simples, *Por mim*.

Alguns casos situam-se entre os marcadores protótipo e os marcadores de sujeito psicológico:

- Ou ímonos todos ou subimos todos, e que veña o que veña, que **pola miña parte** non quero que a ninguén lle quede o dereito de chamarme logo cagán... (AES, 101);
- E **polo que a min toca**, que tanto teño andado con iles, nunca me poiden deprocatar de si bebía pra que o outro se aporveitase ou si o Milhomes o facía beber pra aporveitarse. (AES, 118);
- **Polo tocantes a min**, xa sabedes que non é por medo. Pro dígovos francamente que non creio neses contos de vellas e de tolos... (AES, 40).

Estas estruturas podem ser também utilizadas como estratégia para a actualização de um *tópico aclaratório*:

- Porque a verdade é que cada cousa que faciamos non era das que se fan decote nas esmorgas [...]. Nós íámolas facendo de tal xeito coma si as fixeramos sen darnos conta, **ó menos polo tocantes a min**. (AES, 92)

Um outro tipo de marcador de tópico muito recorrente é o *marcador propositivo*. Optamos por esta designação por se tratar de um caso em que, por meio da expressão do infinitivo, se marca como tópico o próprio significado da raiz verbal, núcleo da proposição. Desta forma, a acção, processo, estado, etc. referenciados pelo verbo converte-se no tópico da sequência. O número de exemplos registados deste género, em comparação com os restantes tipos de marcador, é elevado. Transcrevemos só alguns deles:

- Non descarto que algún de nós lese algún xornal, o que non podería precisar é se estabamos a quince ou a dezaseis, se estabamos a martes ou a mércores. **Estar estabamos** alí, dispostos a seguir vivindo, mesmo por unha cuestión de disciplina e non pouco voluntarismo. (GRA, 55-56);
- Pois entón non vexo eu como imos facer. **Pagar algo** sempre **haberá que ir pagando**, aínda que melloremos a técnica do releo. (GRA, 56);
- Non me doe nada. E **doer doeu**, é certo; pero agora é nada o que eu sinto. (CRI,9);
- Coido que non, agora que **xurar non o podería xurar**. ¡Quen sabe o que pasa nos adentros de cada un! (AES, 96);
- ¿Quen ha saber o que lle anda polos miolos? E para sermos francos, **el falar fala**; pero só cando lle presta ou ten algunha comenencia. (CRI, 23).

Repare-se que se trata de um infinitivo impessoal, carente portanto de morfemas de número e pessoa. Todavia, pode completar as suas valências com algum complemento, como em *Pagar algo*. No caso de *el falar*, claramente um tópico composto, parece evidente o pronome *el* ser sujeito de *fala* e não do infinitivo *falar*. De facto, a sequência *el falar fala* não equivale a *quanto ao facto de ele falar; ele fala*, mas a *quanto ao facto de falar; ele fala*. Também é importante salientar a ideia de que o significado expressável no tópico é apenas o do núcleo do predicado verbal, não sendo relevante o tipo de estrutura sintáctica de que ele faz parte: uma perífrase, um predicado simples ou um predicado composto.

Finalmente, dois outros recursos registados no nosso *corpus* em Galego para a marcação do tópico são a utilização da conjunção copulativa *e* e a repetição abrupta. Quanto à utilização da conjunção copulativa *e*, trata-se de uma fórmula associada ao registo oral – aparece em textos muito próximos da oralidade – que consiste no uso dessa conjunção não só para a concatenação dos diferentes enunciados, mas também para a concatenação e introdução de novos tópicos. Um exemplo bastante claro seria o seguinte: *E o teu amigo pintor; onde dixeches que vivía* (GRA, 73).

A repetição abrupta é um mecanismo de progressão temática (vid. Mateus *et. al*, 2003: 119-121) que consiste em seleccionar como tópico um elemento do comentário da frase anterior mas sem integrá-lo sintacticamente no enunciado ou fazendo-o através de uma *construção de tópico marcado*. Vejamos o seguinte exemplo, tirado do livro *Cuentos humorísticos*, p. 118:

- ¿Fala conmigo, meu santo? – preguntou o señor Mingucho adiantándose o pé do altar.
- Si, home, sí, bendito de Deus, ven acá.
- Señor, **teño vergonza**.
- ¡**Vergonza!** ¿Eres Alcalde e inda non-a perdiche?

A respeito do Português, os marcadores de tópico registados por nós podem ser divididos nos seguintes grandes grupos, sendo apenas o último novo em relação ao já

assinalado para o Galego: marcadores protótipo, marcadores de sujeito psicológico, marcadores propositivos e marcadores demonstrativos. Os marcadores protótipo apresentam uma variedade talvez maior. Os mais característicos, segundo os nossos dados, são *quanto a*, *a propósito de* e *eis*, seguido ou não da partícula *que*:

- **Quanto às** viagens fabulosas, isso é para os patrões, não diz respeito aos assalariados. (ADP, 23);
- **Quanto ao** principal, o propriamente dito coelho, fui reclamá-lo junto do Júlio [...], conforme prometido. (TEN, 166);
- Olha, e **a propósito de** ver, aprecia-me bem aquele exemplar da espécie humana, género feminino, que ali vai. (TEN, 8);
- O incêndio, os berros, a fumarada, haviam sido a armadilha. **Ei-lo** dentro dela, um réprobo, sem poder escapar-se. (OHD, 15);
- Ainda Camilo não gastara o primeiro fôlego no saxofone, **ei-lo que** avança pela sala nua, tudo suspenso no seu passo ágil. (CBM, 72).

Podemos também incluir no grupo dos marcadores protótipo a estrutura *prep. em + tópico* utilizada nos seguintes contextos:

- E mesmo **nos rapazes**, a maioria deixou de ir. Sobretudo os mais pequenitos, que os maiorzinhos, esses, os pais lá acharam que se saberiam defender. (HQO, 100)
- Ai, Sotôr, digo-lhe uma coisa, este ainda é daqueles pequenos prazeres que se têm na vida... Sabe, não nos pede nada em troca. Agora, as pessoas, está a ver? **Na senhora**, essas pedem tudo. Damos a mão e elas querem o braço... (IDS, 129)

No que diz respeito aos marcadores de sujeito psicológico, verifica-se igualmente a preferência pela 1ª pessoa do singular e o emprego das preposições *para* e *por* (v. gr. *Para mim, fatais só os filmes* (IDS, 10); *Por mim, ia pelos couratos. É coisa em que não toco há séculos* (TEN, 16)). No entanto, registámos algum exemplo na 3ª pessoa gramatical cujo equivalente em Galego também seria possível: *Para o frade, a doença era antiga, datava da morte de Dom Gundisalvo. Para a donzela, não: era recente* (OFP, 28).

Os marcadores propositivos apresentam algumas variantes para além do esquema principal *infinitivo impessoal + proposição* apresentado como único para o Galego. Em primeiro lugar, é frequente o emprego de um demonstrativo apositivo com valor contrastivo a seguir ao infinitivo impessoal (*Entender, entendê-lo-ei. Perdoar, isso, quem sou eu para o fazer?* (HQO, 106)). Em segundo lugar, é frequente também o emprego da partícula *lá* anteposta ao infinitivo (*Lá achar, acho, mas o pior...* (TEN, 106-107)). Finalmente, é possível elevar à função temática não apenas os semas verbais, mas toda a proposição, cabendo ao comentário a confirmação da proposição apresentada. Isto consegue-se através da utilização de uma oração completiva introduzida pela partícula *que*, em lugar do infinitivo. Este mecanismo é usado normalmente em contextos adversativos, sendo também possível aqui o emprego da partícula *lá* anteriormente mencionada. Vejamos alguns exemplos:

- Tanto não digo [...]. **Mas que havia** muita gente a querer-lhe mal, **havia**. (TEN, 137);
- Está a dar aquela música cujo refrão diz love is in the air. Amor, não sei, **mas que há** muita coisa no ar, **há!** (IDS, 36);
- **Mas lá que foi** bem arranjado, **foi!** Foi, ou não foi?! (TEN, 68-69).

Relacionada com estes casos está a estrutura *prep. a + infinitivo*, utilizada quando o emissor deseja apresentar o tópico como sendo uma hipótese, como por exemplo em: *Aqui, conta-se que aparecia uma santa. O meu pai, que era um ateu dos quatro costados, dizia que, a aparecer, só se fosse a Julinha* (TEN, 36).

O último grupo de marcadores de tópico do Português está formado pelos marcadores demonstrativos. Assim como o marcador propositivo, quando realizado por um infinitivo, carece de morfemas de número e pessoa, no caso dos marcadores demonstrativos, de modo similar, as únicas formas utilizadas são *isto*, *isso* e *aquilo*, denominadas invariáveis, isto é, carentes de género e número, por alguns gramáticos (vid. Cunha & Cintra, 1995: 328). Analisemos brevemente alguns exemplos:

- Eu ainda lhe disse uma ou duas vezes tu tem tento, moça, tu vê lá no que te metes, mas **isso** meu amigo, quem é que quer ouvir conselhos nestas circunstâncias, e mais vinha chegando a Primavera? (ADP, 80);
- Oiçam lá, **aquilo** não se pode ir lá dentro? (ADP, 104);
- A cavalheira quer mudar de roupa. **Isto** quem se mete com mulheres, meu amigo. (ADP, 137).

O carácter pronominal, anafórico e deíctico dos demonstrativos invariáveis converte-os em elementos muito adequados para o desempenho da função temática quer marcada quer não-marcada. No nosso *corpus* literário de exemplos verificámos um uso maior do demonstrativo *isso* em comparação com os outros, o qual vem ao encontro da afirmação lançada por Brauer-Figueiredo, 1996: 342, de que *isso* é o demonstrativo mais habitual no Português falado, sendo elevada a frequência de utilização dos demonstrativos invariáveis em geral. Nós aqui, contudo, quisemos transcrever um exemplo com cada um deles.

Para concluirmos este ponto diremos que, exceptuando o caso dos marcadores demonstrativos, as restantes estratégias de marcação explícita de *tópico* existem em ambos os sistemas linguísticos aqui contrastados. O uso da conjunção copulativa *e* e a repetição abrupta, mecanismos apenas registados por nós para o Galego, não parecem, à partida, estranhos ou improváveis, em termos gramaticais ou pragmáticos, para o Português.

## 5. Conclusão

Para concluir pode-se assinalar que, conforme foi verificado ao longo destas páginas, os marcadores de tópico em Galego e Português não apresentam grandes diferenças de um modo geral. Apenas o facto de não registarmos o uso dos marcadores demonstrativos em Galego constitui uma divergência importante. Varia é a forma como são aplicados cada um dos tipos assinalados em termos de selecção da estrutura sintáctica preferente para cada caso, o qual tem evidente relação com a importância do contexto não apenas linguístico, mas também social, no modo como se manifestam determinadas funções pragmáticas. A complexidade e particularidade inerentes à realidade sócio-linguística galega não nos permite avançar qualquer hipótese a respeito neste pequeno espaço sem antes aprofundar o fenómeno convenientemente. Será portanto em trabalhos futuros e através do emprego das ferramentas adequadas que tentaremos evoluir nessa direcção.

## BIBLIOGRAFIA

- BRAUER-FIGUEIREDO, M. F. V. (1996), “O Português falado. Descrição sistemática dos seus aspectos”, in Nascimento, M. F. Bacelar *et al* (orgs.), 1996, *Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (Lisboa, 1995)*, vol. I, Lisboa, Colibri, 323-347.
- BRITO, A. M. e DUARTE, I. S. (1982), “Condições sobre posposição do sujeito em Português”, in *Boletim de Filologia*, tomo XXVII, Lisboa, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, Instituto Nacional de Investigação Científica, 191-254.
- CUNHA, C. e CINTRA, L. F. Lindley (1995), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa, João Sá da Costa.
- DAHL, O. (1974), “Topic-Comment structure in a generative grammar with a semantic base”, in Dane\_, F. (ed.), 1974, *Papers on Functional Sentence Perspective*, Prague, Academia, Publishing House of the Czechoslovak Academy of Sciences, 75-80.
- DIK, S. C. (1980), *Studies in functional grammar*, New York & London, Academic Press.
- DIK, S. C. (1997), *The Theory of Functional Grammar; Part 1: The Structure of the Clause*, Berlin & New York, Mouton de Gruyter
- ERTESCHIK-SHIR, N. (1997), *The dynamics of focus structure*, Cambridge, University Press.
- HALLIDAY, M. A. K. (1967a), “Theme and information in the English clause”, in Kress, G. (ed.), 1976, *Halliday: System and Function in Language*, Oxford University Press, 174-188.
- HALLIDAY, M. A. K. (1967b), “Notes on transitivity and theme in English”, in *Journal of Linguistics*, 3, London, Cambridge University Press, 199-244.
- KOCH, I. V. (1996), “O papel da organização textual na construção do sentido”, in Duarte, I. S. & Leiria, I. (orgs.), *Actas do Congresso Internacional sobre o Português (1994)*, vol. III, Lisboa, A.P.L. e Edições Colibri.
- MATEUS, M. H. M. *et al.* (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.

